

As exigencias e as maravilhas do amor.

“O amor não passará jamais” (1Cor 13,8) “E vivem no amor, como Cristo também nos amava e se entregou por nós como uma oferenda e sacrifício de agradável aroma a Deus” (Ef 5,2)

P. Ricardo E. Facci

Todos sabemos muito bem que nos últimos tempos o termo amor se converteu em uma das palavras mais usadas, e da que se usa para chamar amor a realidades que pouco têm a ver com o amor, por isto, neste tema vamos refletir sobre o que é o amor.

Vamos iniciar esta reflexão sobre o que acho que é a maior característica do amor, de todo amor: o encontro com o outro.

Um erro muito atual, é procurar em nome de amor a possessão do outro e não o encontro, tendo em conta que todo encontro deve nascer de um dar. O amor é gratuito, não se pode exigí-lo nem esperar, senão que há que adiantar-se ao amar, ser o primeiro. Por isto, dizemos que o amor se procura dando-o. O amor nasce e se desenvolve a partir do dar. Se não é dando nunca se descobre o autêntico amor. Mas ainda, amar é ausência de si mesmo e presença do outro. Além disso, por experiência provavelmente sabemos que para que o amor madure há que passar pela fronteira do sofrimento, então, exige renúncias.

Uma das belezas do amor é que nunca envelhece, senão que madura, é como o vinho, quanto mais velho, melhor, dado que possui outro sabor, outra consistência. O amor, especialmente o matrimonial se precisa paciência, tempo. Em todos os matrimônios se deve avançar desde a realidade até o ideal. É necessário caminhar pela realidade com o olhar posto no ideal, nunca ao contrário.

A maior exigência do amor é dar até que doa. O amor autêntico sempre dói, sempre vai acompanhado de situações que doem. Quando um quer construir a vida desde o amor, faz doer até as mais íntimas entranhas.

Se nos adentramos no Evangelho e, especialmente, no Capítulo 13 da primeira carta aos coríntios, onde Pablo mostra que o amor é a base de todas as ações e atitudes cristãs, nos está ensinando que a opção pelo amor se transforma em um estilo de vida.

A dinâmica do amor como encontro com o outro nos conduz a destacar a importância de estar para o outro, para o cônjuge. Isto significa estar sempre disposto a tomar consciência do você, de seus dons e de suas boas qualidades, sabendo admirá-las cada dia mais.

A chave de tudo está no ter claro que é “sempre para o você”.

Quando alguém se casa, se consagra a um tu. Mas estar para o outro, ainda que soe como algo muito bonito, é talvez o mais difícil na vida. Ser para o outro quer dizer que se renunciou, livremente, ao direito a pensar em si mesmo, na própria comodidade, senão que se deve assumir um dever, o fato de esquecer-se de si mesmo, na medida como entende Cristo o estar para o outro como o faz Ele para com a Igreja.

A grande missão é conduzir ao “melhor do mundo” até o “melhor do céu”. Nada fácil, vocês o sabem melhor do que eu, porque sou egoísta, de coração estreito, individualista, materialista. Quando encontramos alguém que está realmente para o outro, podemos dizer que estamos diante de alguém que quer construir a santidade em sua vida.

Esta premissa do amor é a que nos ensinou Jesus Cristo, estar para o outro com uma grande entrega, com um amor nobre, transparente, não com atitude de quem pede que o outro esteja para si mesmo. O matrimônio será feliz na medida em que se viva segundo esta lei do amor autêntico.

Amor que influencia até nos gostos... A ele lhe agrada comer carne, e a ela massas... ele deve saber que está condenado a comer massas toda sua vida. Ele suportará uma semana. Mas poderá aceitar 10 anos, 20 anos, 60 anos, se Deus dar a bênção de viver juntos todo esse tempo? Claro que ao ler isto dá graça, é engraçado, porque a algum realmente acontece, ou pelo que seja, mas devemos saber que aqui está a chave da felicidade ou da tragédia matrimonial. Em uma visão rápida da situação um pode dizer, 3 dias carne e 3 dias massas... mas o amor não se define por cálculos matemáticos nem

por especulações para distribuir quantitativamente 50% e 50%, ou seja, três dias a favor de um e três dias a favor do outro, ou também poderia ser que todos os dias carne ou todos os dias massas... Volto a insistir, o amor modula o estar concentrado no outro e não em si mesmo.

Mas há alguém que está sempre disposto a arruinar nossos melhores desejos. Esse é o demônio. Este ser não é um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Esse auto engano nos leva a baixar os braços, a nos descuidar e a ficar mais expostos. O maligno não necessita possuir-nos, senão que nos envenena com o ódio, a tristeza, a inveja, os vícios. E assim, enquanto nós baixamos a guarda, ele aproveita para destruir nossa vida, nossas famílias e nossas comunidades, porque “como leão rugindo, ronda buscando a quem devorar” (1Pe 5,8).

O amor é sacrifício, entrega, morte de si, como dizíamos, é um doloroso dar-se ao outro. O mundo nos propõe o contrário: o desfrutar, a distração, a diversão e nos diz que isso é o que faz a vida boa. O mundano ignora, olha para outro lado quando há problemas de doença ou dor na família ao seu redor. O mundano não quer chorar: prefere ignorar as situações dolorosas, cobri-las, escondê-las. Se gastam muitas energias por escapar e evadir-se das circunstâncias onde se faz presente o sofrimento, acreditando que é possível dissimular a realidade, onde nunca, nunca pode faltar a cruz.¹ O amor é cruz, cruz triunfal que conduz à felicidade.

Estar para o cônjuge, significa estar sempre disposto para tomar consciência de si, de suas necessidades e das boas qualidades que possui.

A vida matrimonial está feita de muitos pequenos detalhes cotidianos. Os esposos devem acostumar-se a muitas coisas, mas que não se acostumem jamais às boas qualidades do cônjuge, senão que cada dia saibam valorizá-las mais e mais. Senão que se os esposos se acostumem às boas qualidades do outro, pode que a atenção a atraíam os defeitos, as más qualidades, correndo o risco de que o negativo vá afogando todo o positivo que está no outro.

Por isso, dizemos que a felicidade matrimonial depende do espírito de sacrifício, da capacidade de deixar-se crucificar pelo outro. É o caminho do verdadeiro amor que é o mais difícil nesta vida. Sim, o mais difícil; a tarefa mais difícil que todos devemos aprender, seja qual seja nossa vocação, é aprender a amar. E o que mais custa ao ser humano, é esquecer-se de si mesmo e derramar-se aos demais, ao outro.

Oração

Senhor Jesus,
na cruz nos deste a medida do amor,
e depois da ressurreição nos ensinaste como esse amor permanece em um “para sempre”;
te pedimos que o amor de nosso matrimônio
sempre responda às exigências da renúncia
para que brilhe nele o espírito da luz,
a fortaleza, a generosidade,
a entrega sem medida, para dessa forma,
construir juntos a felicidade, neste peregrinar na vida eterna. Amém.

Trabalho Aliança

- 1.- Estamos dispostos a sacrificar nossos gostos pessoais ou ainda insistimos até impô-los?
- 2.- Continuamos vendo as qualidades e o positivo do cônjuge, ou foram esquecidos?
- 3.- É mais fácil para nós ver o negativo, opacando as virtudes do outro?
- 4.- Conservamos um amor jovem e maduro?

Trabalho Bastão

- 1.- Temos claro a manipulação que atualmente se faz do termo “amor”?
- 2.- Como educar às novas gerações no verdadeiro conceito de “amor” como entrega e renúncia pessoal para poder descobrir o “tu” do outro?
- 3.- Em nossos lares, demos testemunho de que o amor é sacrifício e entrega antes que “cor do céu”?
- 4.- Desde um profundo conceito de “amor”, como definimos a transição que vai no percurso entre o “melhor do mundo” e o “melhor do céu”?

Nota: 1.- cfr. Francisco, Gaudete et Exsultate 161, 75.